

GALVÃO, P. **Parque industrial**. São Paulo: Editora Cintra, 2013. 94p.

Resenhado por: Daniela Schwarcke do Canto (UFSM)

Anselmo Peres Alós (UFSM)

O ano de 2017 marca os 55 anos da morte de Patrícia Galvão, a Pagu. Nascida em nove de julho de 1910, Pagu foi escritora, diretora de teatro, tradutora, desenhista, cartunista, jornalista e militante política. Nascida em uma família tradicional, filha de um advogado e de uma jornalista, Pagu era considerada “extravagante” para a sua época, usando cabelos curtos e roupas transparentes, fumando na rua e falando palavrões. Aos quinze anos, começou a escrever para o *Brás Jornal*, como colaboradora. O apelido Pagu foi dado pelo poeta modernista Raul Bopp, que dedicou a ela um poema chamado “Coco de Pagu”, publicado em vários jornais da época e que acabou tornando-se letra de uma canção, sendo o grande responsável por torná-la conhecida.

Aos dezenove anos, Pagu conhece o casal Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, criadores do Movimento Antropofágico, que praticamente a adotam. Em 1930, no entanto, Pagu foi protagonista de um grande escândalo, quando Oswald separa-se de Tarsila para casar-se com ela, tendo um filho ainda no mesmo ano.

Pagu é presa pela primeira vez em 1931, por organizar uma greve dos estivadores do Porto de Santos, tornando-se a primeira mulher presa política no Brasil. Em 1933, Pagu parte em uma viagem pelo mundo, deixando o filho de apenas três anos com o pai, no Brasil. É nesse mesmo ano que ela publica, aos 21 anos e sob o pseudônimo de Mara Lobo, o livro *Parque industrial*. Durante a sua vida de ativista política, Pagu ainda foi presa outras 22 vezes. Em 1941, já se relacionando com Geraldo Ferraz, Pagu tem o seu segundo filho. Com o marido e os dois filhos, Pagu muda-se para a cidade litorânea de Santos, onde passa a dedicar-se principalmente ao teatro, incentivando jovens atores e grupos amadores.

O romance *Parque industrial* é, acima de tudo, uma denúncia da vida de humilhação dos operários paulistas, centrada em personagens femininas, mostrando a desigualdade entre as classes sociais. Nesse romance, as fábricas aparecem como “penitenciárias sociais”, denunciando a forma como os operários eram tratados pelos chefes. Para extravasar a raiva, eles escrevem suas revoltas nas paredes das latrinas, pois o medo de perderem o seu único ganha-pão faz com que continuem se sujeitando às míseras condições de trabalho impostas pelos patrões. No seu livro, Pagu mostra, além do trabalho quase escravo a que os proletários de São Paul, na década de 1930, são submetidas, as suas vidas pós-expediente, quando continuam tendo que lidar com o que há de mais cruel: a fome, a pobreza, as agressões.

Pagu relata o momento em que os trabalhadores começam a se dar conta de que são explorados, mas que existem pessoas que estão dispostas a lutar por eles. É no calor das reuniões do sindicato dos trabalhadores que a palavra dos mais fracos e dos excluídos é finalmente ouvida: “nós não podemos conhecer os nossos filhos! Saímos de casa às seis da manhã. Eles estão dormindo. Chegamos às dez horas. Eles estão dormindo. Não temos férias! Não temos descanso dominical! (GALVÃO, 2013, p. 23), ou “O nosso suor se transforma diariamente no champanhe que eles jogam fora” (GALVÃO, 2013, p. 24).

Ao mesmo tempo, a escritora nos mostra o “país do carnaval”, quando, durante os dias de folia, burgueses e proletariado se misturam. Os burgueses “querem” as trabalhadoras numa espécie de fetiche: “pessoalmente você não me interessa... é a sua classe” (GALVÃO, 2013, p. 44).

No posfácio da edição de 2013, Vitor Scatolin define o romance da seguinte forma:

Parque industrial é realmente um romance tubo de ensaio, mais que um romance de formação. Ali se encontra muito humor de Pagu, e muito da sua angústia também. Ali está sua fúria ante da condição precária da classe operária e, ainda mais, sua visão materialista-feminista dialética do processo (SCATOLIN, 2013, p. 94).

Parque Industrial é um livro de fácil leitura, mas de difícil digestão. Todos os problemas, as lutas e as dificuldades enfrentadas pelos operários da época ainda são, na sua maioria, compartilhados pelos seus pares contemporâneos. As diferenças sociais que Pagu nos



Linguagens & Cidadania

mostra ainda são muito atuais, e ainda temos muitas batalhas pela frente antes de alcançarmos a construção do mundo mais justo que, por mais que soe piegas afirmar, todos nós desejamos.

REFERÊNCIAS

Biografia de Oswald de Andrade. Disponível em:
<https://www.ebiografia.com/oswald_andrade/>. Acesso em: 17 jan. 2017.

Biografia de Patrícia Galvão. Disponível em:
<<https://educacao.uol.com.br/biografias/patricia-galvao-pagu.htm>>. Acesso em: 17 jan. 2017.

Biografia de Tarsila do Amaral. Disponível em:
<https://www.ebiografia.com/tarsila_amaral/>. Acesso em: 17 jan. 2017.